



## A TEORIA DO CORPO DO SUBJETIVO EM MOVIMENTO NA FILOSOFIA DE MICHEL HENRY

10.62506/phs.v7i1.283

The body theory of the subjective in motion in Michel Henry's philosophy

SILVESTRE GRZIBOWSKI <sup>1</sup>

La teoría del cuerpo subjetivo en movimiento en la filosofía de Michel Henry

**Resumo:** O objetivo deste estudo é apresentar, a partir da experiência interna transcendental, a teoria do corpo subjetivo em movimento e como esse se realiza no contínuo resistente sem perder a sua verdade originária. A noção de corpo subjetivo foi trabalhada por Maine de Biran e influencia o pensamento de Michel Henry, que elabora primeiramente a noção de corpo subjetivo e, sucessivamente, de carne invisível. O processo é o da experiência interna transcendental que posteriormente será trabalhada como autoafecção.

**Palavras-chave:** Corpo, subjetivo, movimento, experiência, Michel Henry.

**Abstract:** The objective of this study is to present, from the transcendental internal experience, the theory of the subjective body in motion and how it is realized in the resistant continuum without losing its original truth. The notion of subjective body was worked on by Maine de Biran and influences Michel Henry's thought, which first elaborates the notion of subjective body and, successively, of invisible flesh. The process is that of transcendental inner experience that will later be worked on as self-affection.

**Keywords:** Body, subjective, movement, experience, Michel Henry.

**Resumen:** El objetivo de este estudio es presentar, desde la perspectiva de la experiencia interior transcendental, la teoría del cuerpo subjetivo en movimiento y cómo este se manifiesta en el continuo de resistencia sin perder su verdad original. La noción de cuerpo subjetivo fue desarrollada por Maine de Biran e influyó en el pensamiento de Michel Henry, quien primero desarrolló la noción de cuerpo subjetivo y, posteriormente, la de carne invisible. El proceso es el de la experiencia interior transcendental, que posteriormente se explorará como autoafección.

**Palabras-Clave:** Cuerpo, subjetividad, movimiento, experiencia, Michel Henry

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – e-mail: silboski@yahoo.com.br – Orcid <https://orcid.org/0000-0001-9184-9250>



## Introdução

Michel Henry apresentou a teoria do corpo subjetivo. Essa proposição contempla tanto o corpo quanto o ser do ego porque descobriu e mostrou a unidade entre eles. Essa conjectura visa superar (ou ao menos busca superar) o pensamento do dualismo cartesiano que marcou e influenciou profundamente a tradição ocidental. A teoria do corpo subjetivo foi desenvolvida, sobretudo, na obra *Philosophie et Phénoménologie du corps*, obra essencial para o desenvolvimento desta pesquisa. Em outros trabalhos, o pensador retoma o tema do corpo que ganha novos e intensos desdobramentos, no entanto, o germe é apresentado nessa primeira grande obra.

Para Henry, “se o corpo é subjetivo, sua natureza depende da subjetividade originária” (2012, p. 7). Isso significa que, Henry desenvolve a teoria do corpo desde a perspectiva da subjetividade originária. “A corporeidade é um pathos imediato que determina nosso corpo de uma ponta a outra, antes que ele se erga para o mundo. É dessa corporeidade original que ele deriva suas capacidades fundamentais, a de ser uma força e de agir, de receber hábitos, de se lembrar – pela maneira que o faz: fora de toda representação”<sup>1</sup> (Henry, 2012, p. 7). A corporeidade originária procede do pathos. Esse se revela na subjetividade imanente do ser do ego e simultaneamente o conteúdo primordial é revelado. A revelação absoluta se realiza na interioridade da vida concreta, portanto, fora de toda da representação como era apresentado pelo idealismo. Henry tornou-se um crítico do idealismo porque a corporeidade não era contemplada. Crítico também da fenomenologia transcendental de Husserl porque constituiu o ser do ego desde a perspectiva da intencionalidade transcendental. Na verdade, Henry reconhece todo o trabalho fenomenológico de Husserl, no entanto, se posiciona criticamente, sobretudo, sobre o método da intencionalidade. O pensador não discute a relevância da intencionalidade, mas, sobre o fundamento. Parte do princípio de que a intencionalidade “é o ‘relacionar-se a’ que se relaciona a tudo aquilo que temos acesso como algo que se encontra diante de nós” (Henry, 2014, p. 57), esse ‘relacionar-se a’ é sempre com um objeto, um ser transcendente. E diante disso, surge um problema que para Henry a fenomenologia não conseguiu responder: “Como a intencionalidade que revela cada coisa se revela a si mesma? Dirigindo a si mesma uma nova intencionalidade?” (Henry, 2014, p. 57). Henry constata que essa questão leva a uma regressão infinita e obriga a situar uma segunda consciência para constituí-la. Para contrapor, Henry oferece a fenomenologia não-intencional como o fundamento da filosofia e da intencionalidade. Apresenta a partir do experimentar-se, do provar-se, do sentir-se a si mesmo.

O ego não tem que manifestar-se no meio do ser transcendente um dia ou outro, antes ou depois, no curso de uma história individual ou universal, ou no seio de um progresso da filosofia, se é verdade que está já de entrada presente a si mesmo, no seio de uma revelação que não deve nada ao tempo nem a transcendência, mas que se cumpre na esfera da imanência radical da subjetividade absoluta” (Henry, 2011, p. 54).

Para Henry, a subjetividade absoluta não é constituída fora da sua existência ontológica. E se o corpo subjetivo é o ser do ego, não pode ser uma extensão, nem o produto e nem o resultado de um pensamento. Isso porque, o ser é situado na sua realidade concreta e se realiza na vida.

Na tentativa de superar as teorias<sup>2</sup> Henry descobriu e consolidou a ideia de corpo subjetivo a partir de Maine de Biran (1766 – 1824). Esse fez “a ‘descoberta’ do corpo subjetivo” (2012, p. 21). Henry não só o reconheceu pela descoberta, como também o colocou como um pensador que determinou a sua teoria, e ainda o destacou como sendo um grande pensador da tradição, embora não lhe é dado o devido reconhecimento.

O primeiro filósofo e, na verdade, o único que, na longa história da reflexão humana, compreendeu a necessidade de determinar originariamente nosso corpo como um corpo subjetivo foi Maine de Biran, esse príncipe do pensamento, quer merece ser visto por nós, ao mesmo título que Descartes e Husserl, como um dos verdadeiros fundadores da ciência fenomenológica da realidade humana (Henry, 2012, p. 18).

Essa passagem é muito interessante, porque além de colocar Biran como um dos grandes pensadores da tradição filosófica, afirma que o pensador de Bergerac é um dos fundadores da fenomenologia. Essa teoria se opõe aos que consideram Husserl como sendo o mentor da fenomenologia. Aqui, não interessa discutir quem

<sup>1</sup> Este texto foi escrito por Henry como “advertência à segunda edição da edição francesa” da obra *Filosofia e fenomenologia do corpo*. Por isso, é um texto que reflete o pensamento do autor sobre a sua filosofia do corpo que se contrapõe ao idealismo.

<sup>2</sup> E aqui coloco ‘teorias’ porque Henry realizou um embate duro e crítico com muitos pensadores e teorias. Eram poucos os autores que ele poupava das críticas, um deles era Kierkegaard, por exemplo.



foi o fundador, mas, mostrar a percepção que Biran teve da vida subjetiva como verdade fenomenológica absoluta.

Para Henry, essa percepção de Biran será decisiva, porque afinal, o pensador de Bergerac descobriu a subjetividade originária como sendo uma 'outra' realidade (região) ontológica. 'Outra' porque ela é uma nova região, ainda não explorada pelo conhecimento. A descoberta desta região ontológica possibilitou uma nova forma de pensar sobre o ser humano. Precisamente, isso significa que o método para refletir sobre essa camada, deve ser diferente. Henry segue na esteira de Biran quando afirma que o ser humano "é um sujeito encarnado, seu conhecimento se situa no universo, as coisas lhe são dadas sob perspectivas que se orientam a partir do seu próprio corpo" (2012, p. 16). Assim como Biran, Henry também coloca o corpo subjetivo como a origem e o centro da existência do ego, e não mais como um simples acessório ou suplemento. Isso significa que o corpo passa de objeto como era apresentado pelo pensamento e pela ciência, para ser sujeito.

Henry avança ainda mais e muda a forma de pensar sobre o tema quando substitui a teoria de "tenho um corpo" para "eu sou meu corpo" (2012, p. 238). A mudança acontece do 'ter' 'avoir' 'a' para o ser 'être', 'suis'. O 'ter' indica que o ego está constituído e pensa sobre o corpo como um objeto. Essa forma indica a existência de um distanciamento entre o ego e o corpo. Enquanto a forma 'sou meu corpo' coloca como uma condição ontológica da existência, sou o meu corpo, sem ele não tenho como existir, sentir, viver. Essa teoria contrapõe a tradição porque apresentava "um homem 'puro', abstrato e desencarnado" (Henry, 2012, p. 16) e que ignora a existência da região ontológica da subjetividade. A tradição enfatiza o espírito, esse como puro e deslocado. O corpo tornou-se para o pensamento apenas um acessório, um instrumento à serviço do espírito.

O corpo subjetivo como uma nova região será determinante para apresentar e diferenciar o corpo fenomenológico, do biológico: "o nosso corpo não é primitivamente nem um corpo biológico, nem um corpo subjetivo, nem um corpo humano, ele pertence a uma região ontológica radicalmente diferente, que é a subjetividade absoluta" (Henry, 2012, p. 17). Esse é um dos pontos relevantes para compreender a teoria, ou seja, o seu interesse não era estudar o corpo biológico, científico, externo. É preciso buscar na 'outra' região, pois, é aí que se encontra a subjetividade absoluta. Por isso, o método da apercepção interna transcendental será fundamental para adentrar na proposição. Porém, antes disso, aponto alguns problemas que acompanham o estudo; a) se o corpo é subjetivo e pertence a uma região ontológica da subjetividade como desenvolvê-lo sem deslizar numa perspectiva transcendental? b) Se há (existe) uma subjetividade originária que se realiza no interior do ser do ego e do corpo subjetivo como apresentá-los?

## Apercepção Interna – Experiência Interna Transcendental

Muito importante destacar que ambos os pensadores (Biran e Henry) se inclinaram pela vida interior, vida subjetiva. Na verdade, Henry retomou a teoria biraniana que visava desenvolver a região ontológica que fora excluída pelo pensamento.

É para o pequeno número de homens que se dedicam, entre nós, ao cultivo do sentido interior, que construí, como soube fazê-lo, este fraco monumento destinado a marcar a minha passagem em um país deserto, inulto, que os viajantes tem tão pouca curiosidade em visitar. Ele reproduzirá aos que vierem depois de mim que pensamentos ocupavam, em tal época, um amigo da ciência do homem, o que ele meditava, o que ele gostaria de ter feito pelo progresso (Biran, E. p. 103).

Henry destaca a genialidade de Biran porque percebeu e trouxe à baila o tema da vida interior. O projeto da fenomenologia material se encontra enraizado nesta região e os seus escritos tem por finalidade de apresentar para o pensamento a necessidade de cultivar e cuidar do dom mais importante que recebemos da Vida, a vida. A subjetividade ontológica absoluta não deve nada a obra da exterioridade. "Arrancado a existência do meio absoluto da exterioridade, as presentes pesquisas querem chamar a atenção sobre o caráter 'subjetivo' desta existência; nos convidam a perguntarmos se não convém hoje a devolver um sentido ao conceito de vida interior" (Henry, 2011, p. 58). Esse será o verdadeiro projeto da onto-fenomenologia de Henry, olhar para esse mistério infinito e mostrar que a beleza da existência se localiza dentro de cada um nós. Essa é a maior riqueza que recebemos e nenhuma outra a supera. É uma inversão do olhar externo para o interno, a riqueza não está nas coisas do mundo, mas, na interioridade de cada um e que precisa ser cuidada.

Pois bem, para ser um pensador sobre a subjetividade absoluta, é preciso pesquisar sobre o tema e apresentar os argumentos. Por isso, Henry destacava uma outra genialidade de Biran; como ele notou a vida interior, é preciso separar e distinguir os tipos de conhecimentos, que na verdade são dois. Sobre este tema, Henry valoriza demasiadamente a descoberta realizada por Biran o dualismo ontológico.

O primeiro tipo de conhecimento é dado pelo ser transcendente, denominado de "conhecimento exterior" (Henry, 2012, p. 22). Exterior porque o objeto está fora do sujeito, externo, no mundo, há uma distância fenomenológica entre a vida do ser do ego e como ele é percebido, pensado. Já o outro modo de conhecimento é dado ao ego imediatamente e sem a mediação da exterioridade "esse ser não é mais qualquer um, é o eu, ser é determinado unicamente de acordo com a maneira pela qual ele nos é dado" (Henry, 2012, p. 23). Esse segundo modo de conhecimento é chamado por Biran de reflexivo. A palavra reflexão expressa "a profundidade mesma



da subjetividade, sua vida 'íntima' por oposição ao ser transcendente em geral, que não tem dimensão de vida interior" (Henry, 2012, p. 24). Ambos os pensadores não negam os dois modos de conhecimento, contudo, enfatizam que o primeiro deve ser utilizado para os fenômenos da natureza, e o segundo, como diz Biran para 'outros fenômenos'. Isso significa que a psicologia não deve trabalhada pelas ciências da natureza, mas, "Maine de Biran mostra, pelo contrário, que esses 'outros fenômenos' que são os 'fatos interiores' devem ser estudados segundo um método inteiramente diferente, pois nos são dados de maneira inteiramente diferente" (Henry, 2012, p. 26). Assim, para Biran a psicologia não pode ser fundada pelo conhecimento clássico, pois, a vida interior (vida da consciência) é "dada a experiência interna transcendental" (2012, p. 26). E sempre é dada na primeira pessoa, o sujeito a experimenta o conteúdo na ação, na vivência. "Henry apresentava uma proposição que era estranha ao conhecimento teórico porque evocava a vivência da vida interior. Estranha ainda, porque a essência originária não se revela na luz do mundo, ao contrário, se esconde dela". (Grzibowski, 2024, p. 367).

A noção de experiência interna transcendental no livro *Philosophie et phénoménologie du corps* e na *l'essence de la manifestation* será determinante não só pela quantidade que esta expressão aparece, mas, também pela importância como método. Aliás, a experiência interna transcendental será trabalhada na segunda grande obra (2011) também como autoafecção com ele já afirmava: "revelação originária do vivido a si mesmo, tal modo que ela se realiza numa esfera de imanência radical, isto é, ainda conforme ao processo ontológico fundamental da autoafecção" (Henry, 2012, p. 26,27, nota 18). Essa terminologia seguirá nos seus escritos com sendo uma verdadeira coluna vertebral, ou seja, o pensamento de Henry está sendo sustentado pela experiência interna transcendental que será trabalhada com autoafecção que será o seu método em definitivo. Basicamente, essa terminologia quer dizer que o conteúdo que funda o ego (o ser do ego) é o que se doa a si mesmo na experiência imediata. Henry acompanha o questionamento e a resposta de Biran; *Y a-il une aperception immédiate interne? etc.* (grifo nosso) A quoi je répons affirmativement: há apercepção interna imediata de si mesmo (*moi*), do sujeito que diz eu enquanto se distingue de tudo o que lhe é permitido de se representar ou conceber, sob qualquer título de sensação e noção, etc". (Biran, p. 13). Com a apercepção imediata do eu, Biran contesta a tese de Descartes da coisa pensante identificado com o absoluto. E também não é uma ideia: "nem é uma ideia da qual devemos dizer o que Leibnitz geralmente diz de todas as ideias: no primeiro momento da sua existência o eu percebe-se imediatamente: não pensa, não ouve, não sente seu ser" (Biran, p. 13). O *moi* se apercebe imediatamente, no seu tempo como afirma o pensador. "Mas assim que o tempo começa para ele, ou ele sente a sua existência ligada à ordem dos sucessivos, ele se reconhece e se escuta a si mesmo, como um ser idêntico, permanente ou duradouro, porque só existem os seres que duram" (p. 13). Apercepção começa nele mesmo e sem a necessidade de parar para pensar sobre si e os seus atos. Ou seja, "é porque ele é o fato mesmo de se dar assim, porque sua estrutura é a estrutura dessa experiência, sua substância e fenomenalidade própria – o que chamamos, em outro lugar, o acontecimento ontológico fundamental da autoafecção" (Henry, 2012, p. 57).

Ciente da descoberta da existência da experiência interna transcendental ele questiona e critica duramente a tradição fenomenológica por ter ignorado a subjetividade imanente. Diante disso, aponta uma futura tarefa da nova fenomenologia; "a significação última da fenomenologia consiste em que é finalmente o descobrimento de um 'fenômeno' que é o fundamento mesmo" (Henry, 2011, p. 58). E o fundamento do fenômeno é o aparecer do aparecer que surge originalmente na afetividade. Na verdade, Henry não estava preocupado com o fenômeno, mas, com o fundamento, o aparecer. E o que funda é o aparecer do aparecer e o que aparece é o fenômeno. Por isso, Henry trabalha com a fenomenalidade e não com o fenômeno. E o aparecer do aparecer é a revelação da vida afetiva, interior, portanto, é no aparecer que a vida é idêntica a revelação e o que ela revela. Para Henry o fundamento não é dado ela luz do conhecimento racional, mas, o "fundamento é uma revelação originária, porque a condição ontológica de possibilidade de toda presença transcendente efetiva está presente a ela mesma no seio da experiência interna transcendental que, a rigor, não se pode nem obter, nem perder" (2011, p. 54). Não se pode obter porque já é dada pela vida imanente, a vida absoluta já está sendo vivenciada, provada e por isso que nada pode ser obtido ou perdido. O fenômeno originário se dá na experiência interna transcendental e não pela redução nem pela intencionalidade. A tarefa da nova fenomenologia não visa separar o fenômeno do ser, pois, o fundamento é ele mesmo um fenômeno. "A revelação originária é para ela mesma seu próprio conteúdo. O 'como' desta revelação é um ser real. Este fenômeno, ou esta maneira de ser fenômeno que não brilha na luz universal; esta maneira que é um ser concreto, é o que se designará como ego" (2011, p. 52. Grifo do autor). Henry insiste nesta presença originária do ego, ou melhor, de cada ego, e que essa individualidade, ipseidade escapa as definições do ser geral. "O ser fenomenológico do ego é uno com a revelação originária que se cumpre em uma esfera da imanência radical. A realidade repousa no caráter fenomênico deste ser" (2011, p. 52).

## Corpo Subjetivo em Movimento - O corpo subjetivo em ação

A partir da experiência interna transcendental foi possível identificar a existência ontológica do ser do ego e do corpo subjetivo e que ambos pertencem à mesma região ontológica interna. Mais ainda, ego/corpo compõe a unidade porque são a mesma coisa "o ego, corpo e movimento, meio como sendo são a mesma coisa, e esta é bem real, não se dissolve na noite do inconsciente, nem no vazio do nada, é ser, e esse ser é aquele que tudo o que nos é dado numa experiência interna transcendental, é o ser mesmo do ego" (2012, p. 79).

A ontologia do corpo subjetivo apresentada por Henry implica em pensar o corpo como ação, movimen-



to. Por isso que, apesar de todas as críticas que Henry dirige a Descartes, no fundo, não só o reconhece como o grande pensador, mas, o verdadeiro fundador da fenomenologia, como também Biran. O ponto forte da crítica é que Descartes abandonou o projeto inicial do cogito pré-reflexivo (afetivo), já Biran foi fiel ao projeto. Sobre a proposição do *cogito*, não há uma oposição entre eles, enquanto

Descartes estudou o *cogito* da reflexão, isto é, a reflexão como experiência interna transcendental ou, para empregar a linguagem inapropriada, o cogito pré-reflexivo que é imanente a toda reflexão e que constituiu o seu ser, Biran apreendeu o *cogito* no movimento, ou a seu respeito, isto é, a experiência interna transcendental que constitui o ser do movimento subjetivo (Henry, 2012, p. 74).

Os dois tiveram a mesma percepção, no entanto, Descartes abandona a região da subjetividade absoluta e se entrega para as construções transcendentes sobre o corpo. Para o cartesianismo o corpo passa a ser uma extensão. O que permaneceu da teoria sobre o corpo de Descartes foi a ideia de movimento, que se realiza na extensão que é o resultado de uma reflexão do ser transcendente<sup>3</sup>. Já Biran aprofunda essa descoberta e apresenta uma teoria ontológica sobre o corpo, a partir do *cogito* como movimento.

O ser em movimento pertence e se realiza na subjetividade absoluta, na experiência interna transcendental. Portanto, o movimento não é uma ideia constituída como um objeto pela terceira pessoa, mas, se realiza no corpo subjetivo na primeira pessoa. O ego experimenta, se prova na ação. Pois, “a ação é a concretização da subjetividade absoluta. E essa se realiza no trabalho, no manusear, pintar, desenhar, cortar etc. Por isso, para Henry o ser é movimento, não como ideia de movimento, mas, ação.” (Grzibowski, p. 2024, 366). Concretamente, o movimento nos pertence, se realiza na vida interior de cada indivíduo.

E como descrever uma ação que pertence a esfera da interioridade? No primeiro momento é preciso estar atento ao método que foi apresentado anteriormente. Porém, também é preciso estar conectado com a interioridade, esse seria o segundo momento. Outra vez Henry destaca a genialidade de Biran que percebeu e radicalizou o pensamento de Condillac “a de nunca se pôr fora da estátua para descrever do exterior os movimentos da sua mão” (2014, p. 214). O movimento é interno e se realiza no ego. O corpo é movimento interno. Contrariamente, se o corpo é interpretado como extensão, logo, será um meio, um instrumento, um objeto. Se o corpo subjetivo não pode ser descrito pela exterioridade, justamente, porque vivencia o sentimento e que se realiza no esforço e no *contínuo resistente*<sup>4</sup>.

A proposição sobre o movimento se realiza na interioridade. Sendo assim, “é no interior do movimento que se experimenta a si mesmo e se move em si mesmo que deve ser circunscrita uma experiência que não advém senão a ele” (2014, p. 214). Nessa experiência interna não há intencionalidade constituída pelo ego transcendental, mas, há intencionalidade subjetiva. A subjetividade absoluta como (ego, corpo, movimento e meio (2012, p. 79) revela-se na experiência interna transcendental pela intencionalidade. Intencionalidade? Sim, pois, o grande desafio da fenomenologia de Henry é falar dessa outra região ontológica sem cair em contradição. Ou seja, a sua teoria não pode deslizar na subjetividade transcendental, mas, ela precisa ser imanente e manifestar-se no mundo sem ser do mundo. E a intencionalidade como movimento fará esse elo entre o agir subjetivo com o agir no mundo. “Em sua determinação como puro e simples correlato de uma intencionalidade de movimento, o real transcendente recebeu o nome de contínuo resistente” (Henry, 2012, p. 96). A subjetividade que faz a experiência de si como movimento interno manifesta-se no mundo “como termo transcendente desse movimento, como contínuo resistente” (2012, p. 97). Sem dever nada ao mundo. O contínuo resistente é o correlato da vida interior. É nesta perspectiva que a subjetividade absoluta se torna um conhecimento ontológico-fenomenológico.

Henry recorre a intencionalidade da fenomenologia clássica quando afirma que “toda consciência é consciência de alguma coisa”. Nessa outra região ontológica do ser originário que se realiza na vida interna há uma intencionalidade, porque, “o movimento é uma intencionalidade”, logo essa intencionalidade sempre está revelando um conteúdo (intenção de alguma coisa). Para Henry “toda experiência interna transcendental é sempre também uma experiência transcendental” (2012, p. 93) que revela algo, um conteúdo. Isso significa que a verdade originária se realiza no movimento que revela o conteúdo e que se efetiva no mundo. Henry afirma que essa revelação chega ao ser transcendente, ao mundo e “por meio dessa realização, se anuncia igualmente a nós alguma coisa na verdade do ser transcendente” (2012, p. 93). Desse modo, pode ser afirmado que, a experiência interna transcendental que é intencionalidade e que se revela no corpo subjetivo, se manifesta no ser transcendente. E assim, se efetiva o conhecimento da verdade subjetiva absoluta. Acredito que

<sup>3</sup> Na verdade, Henry tem uma dupla posição sobre Descartes, se por um lado ele o reconhece como o iniciador da fenomenologia com o projeto da subjetividade, por outro lado, o critica por ter abandonado este projeto. Sobre este tema cito o estudioso Mario Lipsitz: “En efecto, el primer Descartes, sostenido en *L'essence de la manifestation* y en la *Phénoménologie du Corps* (1965) entre las firmes pinzas de la conceptualidad fenomenológica para ser sometido a los filosos análisis de Henry. más interpretado que citado, nos invita a reconocer, por un lado, la genealidad del primer proyecto de fundación ontológica em la subjetividade y, por el otro, y por sobre todas las cosas, la absoluta impotencia de Descartes para llevarlo a cabo” (2006 p. 3).

<sup>4</sup> Grifo nosso. O contínuo resistente foi proposto por Biran e que Henry incorpora nos seus trabalhos. Nas páginas seguintes menciono rapidamente como Henry o utiliza, no entanto, esse estudo não esgota a sua profundidade teórica e nem a relevância na teoria de Henry.



interpretação de Baró nos auxilia a compreender que essa subjetividade absoluta não é fechada em si mesmo, mas, um ir até.

Mas, o que quer dizer com a afirmação biraniana recebida plenamente por Henry, de que o ser primordial é corpo, carne? A raiz desta tese está em compreender que a vida se dá a si mesma plenitude direta de ser e verdade é movimento; não ação (por exemplo, pensamento de si, espírito em ato), mas, esforço, tensão; não só passividade, mas um certo *ir até* (Baró, p. 537-538. Grifo do autor).

A interpretação que Baró faz do pensamento de Henry ajuda compreender que o “ego age diretamente sobre o mundo” (Henry, 2012, p. 79), não como instrumento, não como extensão, mas, como subjetividade, ou seja, a ação/revelação se dá, se realiza, se concretiza no revelado. Então, esse é o verdadeiro fundamento do conhecimento; “o correlato da intencionalidade motriz, nos é conhecido (Henry, 2012, p. 94), ou seja, o movimento da intencionalidade interna (subjetiva) nos revela a verdade, se revela no ego e que se manifesta no ser transcendente.

Sendo assim, o fundamento do conhecimento deveria ou deverá partir sempre da intencionalidade primordial. Esse conhecimento é originário porque antecede o conhecimento teórico. Henry insiste que a intencionalidade originária se manifesta imediatamente e possibilita sempre o nascimento “de novas intencionalidades” (2012, p. 94) que tem a sua fonte no corpo subjetivo e se manifestam no corpo orgânico. Estes dois conceitos de dois corpos que na verdade formam uma unidade. Ou seja, a unidade existe como para ilustrar seriam dois corpos, o absoluto e o orgânico, que no fundo é um só, um corpo relacional. O corpo orgânico está sempre presente, cede o que pertence ao corpo absoluto e resiste o que não pertence a copo subjetivo. Acredito que essa unidade será compreendida no próximo ponto sobre o contínuo resistente.

## Contínuo Resistente<sup>5</sup>

Henry herda de Biran o conceito de contínuo resistente<sup>6</sup> e que utiliza para apresentar o corpo subjetivo e posteriormente a carne. “Ao afirmar que a mais profunda intencionalidade da vida é o ego do movimento é afirmar que o mundo nos é originariamente dado é justamente esse mundo do corpo, um mundo cujo ser, na origem não passa de um termo transcendente do movimento, como o termo que resiste ao esforço” (Henry, 2012, p. 94). O conceito de contínuo resistente é um dos mais importantes que Henry utiliza para mostrar que o invisível se manifesta no visível. No entanto, defende a tese que a verdade procede do corpo subjetivo, da carne invisível e não do mundo. Isso significa que o contínuo resistente é subjetivo e jamais objetivo, do mundo.

Henry também utiliza esse conceito para mostrar como agimos no mundo sem perdemos a nossa essência originária. Significa também que o nosso corpo não é somente um corpo figurado que não agiria no mundo, mas, que existe uma unidade entre o corpo subjetivo e o orgânico.

Para Henry, a vida do ego é movimento que pela intencionalidade interna nos revela a verdade absoluta. A verdade nos é dada no corpo subjetivo que se concretiza no corpo orgânico, no ser transcendente. Como? No contínuo resistente: a vontade (movimento) e o corpo resistente que compõe uma unidade, é no esforço que o corpo resiste à vontade. De uma forma extraordinária esses conceitos são desenvolvidos na obra a “*encarnação*” quando

(...) o contínuo resistente opõe a colocação em ação de nossos poderes uma resistência absoluta, não lhe cedendo em parte alguma, em ponto algum – de maneira que nenhuma falha, nenhuma passagem se abre no muro contra o qual o movimento vem se chocar, ora, ao contrário, o contínuo resistente cedo ao esforço de nosso movimento (2014, p. 217).

O nosso corpo é absoluto porque ele resiste se opondo a tudo o que não é ele, aos corpos estranhos, diferentes, no entanto, o contínuo resistente cede à sua vontade e a realiza. Há uma dualidade interna que é pura harmonia, porque o resistente ao ceder se dobra para realizar sempre à vontade.

Bom, a partir desse momento é possível entrar na proposição da fenomenologia da carne invisível. Contudo, a carne deve ser interpretada e compreendida como uma continuidade da proposição do corpo subjetivo,

<sup>5</sup> Esse é um dos conceitos mais importantes de Biran e que Henry herdou e que contribuiu extraordinariamente para Henry elaborar a sua teoria.

<sup>6</sup> “Relação primitiva do esforço – não intelectual – a qual deve ser reportar “a origem do sentimento da nossa existência absoluta”. A certeza de si – a consciência de si – não começa no absoluto de uma substância, no princípio lógico, mas, num facto dual (não dualista) que exprime o exercício interior de uma força individual da vontade sobre o termo corporal resistente. A força da vontade, nessa relação, revela-se em e através da réplica muscular interiorizada e o termo resistente conhece-se interiormente na vocação de apropriação pela força da vontade. Os dois termos não existem fora dessa relação dessa dualidade primitiva, sem que possam se confundir. O sujeito se constitui nessa relação” (Umbelino, 2012, p. 35).



aliás, praticamente, toda a filosofia de Henry é devedora a essa primeira obra.

## Considerações Finais

A teoria corpo subjetivo de Henry é uma das mais importantes porque apresenta o corpo e o ego como uma unidade e nela se revela a subjetividade originária. A filosofia do corpo subjetivo abre novas possibilidades para a reflexão filosófica e para outras áreas do conhecimento.

Essa teoria nos auxilia a compreendermos o corpo como afetivo, sensível, frágil, vulnerável e não mais como um corpo máquina ou um instrumento. Há um esforço enorme de Henry para superar o dualismo.

Por fim, essa reflexão possibilita novas perspectivas, traz também alguns questionamentos, sobretudo, a conexão entre a verdade interna subjetiva com a do mundo. Henry insiste que na vida interior reside a verdade e que essa precisa ser considerada como absoluta. O desafio é considerar essa verdade e colocá-la em prática, pois, vivemos numa sociedade que privilegia o aparecimento dos fenômenos externos, a aparência. A proposição de Henry é clara ao evidenciar que o corpo subjetivo como movimento não mente.

## Referências

- Biran, Maine (1995). *De l'aperception immédiate*. Paris, Vrin.
- García-Baró, Miguel (2020). Invertir la intencionalidad? Henry y la absorción de la intencionalidad en el ser. *Anuario filosófico, Navarra*, n. 53, v. 3, p. 519-544.
- Fabri, M. & Grzibowski, S. (2022); *Introdução à fenomenologia do invisível (o amor, o desejo, a vida)*. Curitiba: CRV.
- Grzibowski, S. (2024). Marx de Michel Henry: Materialização de uma Fenomenologia da Práxis Subjetiva. *Revista Portuguesa de filosofia, Braga*, 2024, n. 80, v. 1-2, p. 363-374.
- Grzibowski, S. (2014). *Encarnação. Uma filosofia da carne*. São Paulo, Realizações, 2014
- Henry, M. (2011). *L'essence de la manifestation*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Henry, M. (2012). *Filosofia e fenomenologia do corpo*. Ensaio sobre a ontologia biraniana. São Paulo: Realizações.
- Henry, M. (2009). *Fenomenología material*. Tradução de Javier Teira y Roberto Ranz. Madrid: Encuentro.
- Umbelino, L. A. (2012). O corpo em acto. Atualidade de Maine de Biran. *Revista de História das Ideias, Coimbra*, v. 33, 2012, p. 31-46.
- Lipsitz, M. (2006). Los Descartes de Michel Henry. *Tópicos, Santa Fé*, 2006, n. 14, 2006, p. 1-27.

Recebido em 03.12.2024 – Primeira Decisão Editorial em 14.11.2025 – Aceito em 06.03.2026